

Alice Donat Trindade\*

Universidade de Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Centro de Administração e Políticas Públicas

# Os lugares na obra jornalística e literária de Luís Fernando: *Crônicas e Silêncio na Aldeia*

## Resumo:

Luís Fernando é um autor contemporâneo angolano que se dedica ao Jornalismo e à Literatura. Nas duas configurações de escrita que pratica dedica especial atenção ao relacionamento entre os indivíduos e o seu local de residência, costumes e tradições. O objetivo do artigo é analisar a forma como, em texto jornalístico-literário ou literário são dirimidas as tensões e colaborações entre esses construtores da geografia humana, verificando se existem diferenças substanciais entre as representações desses relacionamentos nos diferentes textos. Usando uma metodologia qualitativa, de análise de conteúdo, verifica-se que não existem diferenças substanciais, recorrendo o autor mesmo a temáticas comuns e a realces de tópicos semelhantes nos dois tipos de escrita.

## Palavras-chave:

Literatura, Jornalismo literário, Angola, Locus, cidadãos

## Abstract:

Luís Fernando is a contemporary Angolan author who writes both literary and journalistic work. In both he dedicates particular attention to the relationship established between individuals and their place of residence, their customs and traditions. The goal of this article is to study the way in which literary and journalistic text entangles the tension and cooperation that link these two constructors of human geography, ascertaining if there are substantial differences between the representations of those connections in the two types of writing. Using qualitative methodology, content analysis, it is possible to determine that there are no major differences. The author in fact resorts to common themes and brings forth similar topics in both types of texts.

## Keywords:

Literature, Literary Journalism, Angola, Locus, citizens

## Introdução

Sendo o título do presente artigo, “Os lugares na obra jornalística e literária de Luís Fernando: Crônicas e *Silêncio na Aldeia*” importa esclarecer algumas referências e conceitos que confrontam o leitor logo no título. Autores que conjugam obra literária e jornalística são relativamente comuns: a escrita é uma atividade, uma iniciativa cultural que se pratica, exercita e publica no âmbito destas duas dimensões de escrita e nas suas divisões distintas. Ficção e não ficção inspiram-se, com alguma frequência, em circunstâncias comuns do quotidiano, e será esse o caso do nosso foco de análise a trabalho deste autor, especificamente em relação a lugares significativos, localizações que emergem da geografia de um país para se tornarem loci literários e jornalísticos, que influenciam e originam alinhamento ou desalinhamento de pertenças humanas.

Qualquer lugar é diferenciado por várias ordens de razões, o que sucede por fatores naturais e vivências prévios à representação da sua existência num artigo jornalístico ou obra literária. Os fenómenos relacionados com locais são estudados por diversas ciências que, isolada ou interdisciplinarmente, abordam objetos de estudo que formam e tipificam o que, na linguagem comum, se designa de lugar. A ciência diretamente ligada ao estudo de territórios, a geografia, tem diversos objetos de estudo, que se movimentam atualmente entre subdivisões como a geografia física, a geografia humana ou a geografia cultural, entre outras. William Kirk recorreu a uma citação de August Lösch para introduzir o seu artigo, “Problems of Geography”. O economista Lösch tinha escrito na sua obra *The Economics of Location*: “If everything existed in the same place, there could not be particularity. Only space makes possible the particular, which then unfolds in time” (Kirk 1963: 357).<sup>1</sup>

Ou seja, a ciência que sistematizava o conhecimento geográfico, a partir dos seus fundadores prussianos, Alexander von Humboldt e Karl Ritter,<sup>2</sup> cresceu em variadas direções e objetos de estudo, atingindo atualmente um ponto em que é conceptualizada da seguinte forma: “Nos dias atuais é amplamente aceito a ideia de que a Geografia é uma ciência factual que investiga elementos naturais e sociais tomados em conjunto e em suas interfaces.” (Souza/Pereira 2017: 4). Os dois autores discorrem sobre as alterações nos pressupostos e objetivos da ciência da Geografia ao longo da sua história de quase dois séculos. As ideologias do momento histórico em que os estudos das localizações geográficas e das suas diversas interações estiveram presentes nesta evolução: os mesmos autores relembram a ‘Escola Alemã’ que criou conceitos como ‘espaço vital’, amplamente utilizado por diversos imperialismos. Já a ‘Escola Francesa’ acentua mais o papel do humano no território.

A relevância das ideologias que enformam estas escolas do estudo da Geografia será visível ao longo do estudo, pois o autor em apreço, Luís Fernando, nasceu na Angola ainda portuguesa, uma porção ultramarina do território nacional português, no contexto do qual o território africano era considerado por um prisma colonial. Os angolanos eram, antes de mais, portugueses de pertença e obediência, angolanos de nascença territorial. Os princípios e valores que regiam a governação eram inspirados em modelos europeus adaptados a territórios localizados em outras geografias, físicas, humanas e culturais. Assim, a escolha da análise da produção

literária e jornalística de Luís Fernando a partir do ângulo de abordagem, lugares, justifica-se pela importância que estes e os seus processos dinâmicos têm na construção de identidades, individuais e nacionais, enquanto existências em processos de descolonização e independência que acarretaram alterações na vida dos indivíduos e das sociedades.

### **Loci em modalidades de escrita e abordagem interdisciplinar**

Para fazer a análise a que nos propomos, da interação existente entre lugares e os seus habitantes, tanto em texto jornalístico-literário como literário, será necessário recorrer a um chão teórico interdisciplinar. Em primeira instância, porque o corpus é recolhido entre textos jornalísticos, mais em concreto de jornalismo literário, e texto literário, no caso um romance. Por outro lado, vai ser dada relevância, como já foi possível constatar, a contributos da ciência que estuda os lugares físicos e as suas múltiplas interações, entre si, e com os seres que os habitam. Sendo o corpus estudado oriundo de Angola, as teorias pós-coloniais serão ainda recrutadas.

Após esta chamada de atenção para o corpo teórico a invocar, regressemos por momentos ao Autor. Na entrevista concedida a Venceslau Mateus e já referida, Luís Fernando declara: “Em primeiro lugar, haver coragem de se pôr a ler autores angolanos num espectro mais amplo no sistema de ensino.” (Mateus, s/d) O autor relembra a importância de inserir a literatura escrita em Angola e de recomendar autores angolanos para os programas escolares, pois essas leituras contribuirão para um conhecimento mais próximo de uma realidade e identidades nacionais em concorrência constante nos imaginários dos seus leitores mais jovens ou mais velhos com todas as outras mensagens culturais difundidas. Por outro lado, o próprio autor refere a concorrência decorrente da globalização das indústrias culturais que é ganha no caso das produções angolanas de telenovelas, mesmo quando competem com produtos oriundos de países reconhecidos como mestres nesse domínio, caso do Brasil e do México. O mundo globalizado é palco de competição aguerrida, digladiando-se interesses e vozes diferentes, afetando essa concorrência a auto percepção dos povos e dos seus traços culturais distintivos.

A teoria pós-colonial explica a relevância da reapropriação do espaço construído, anteriormente moldado de acordo com os desígnios das potências colonizadoras. A. J. Njoh escreve:

An important feature of colonial towns is their location. These towns were/are typically located on the highest elevation and separated by a considerable distance from the residential areas of the indigenous population. (...) Another important feature of these towns – a feature that constituted part of the familiar colonial agenda of ‘modernizing’ what Europeans saw as backward Africans – was the fact that they contained structures that adhered strictly to European architectural and construction standards. (Njoh 2009: 304)

O modelo de residência e de planeamento urbano colonial seguia regras estranhas à localização geográfica de implantação enquanto os modelos locais eram aceites e tolerados apenas para alguns setores da população, até porque: “After all, indigenous African structures

were seen as scattered in a nondescript fashion along meandering footpaths” (Njoh 2009: 307). A superioridade estética, funcional e simbólica da construção de modelo europeu reforçava a demonstração do poderio colonial. Njoh refere um outro autor, K. Dovey, que tinha proposto: “Dovey bolsters this assertion by observing that exaggerated physical scale dominates by belittling ‘the human subject as it signifies the power necessary to its production’” (Njoh 2009: 308). A arquitetura ou planeamento urbano grandiosos são armas materiais e simbólicas de demonstração de poder utilizadas com frequência ao longo da História pelos mais variados regimes, em múltiplas localizações.

Aliada à questão da forma das construções e da sua organização no espaço, acrescenta-se um fenómeno presente em Angola durante cerca de cinquenta anos, as guerras. Ao longo deste meio século, as populações tiveram que mudar de lugar, foram desapossadas dos seus lugares de residência e de forma de vida económica, quer a sua fonte de rendimentos fosse a prática de trabalho dependente, ou trabalho agrícola. O antropólogo Jim Igoe refere, num artigo sobre a aquisição do estatuto de indígena, especificamente dos Maasai, o dilema dos despojados da sua terra natal e da sua forma tradicional de vida por motivos económicos, na circunstância na Tanzânia dos anos de 1990: “This legacy of this historical displacement has been the proliferation of ethnically mixed landless or land-poor communities” (Igoe 2006: 411).

Em que medida se pode traçar alguma similitude entre populações deslocadas e desapossadas das suas terras na Tanzânia dos anos de 1990 ou de angolanos da segunda metade do século XX e início do século atual? Sem relação direta ao estudo sobre os Maasai, essa similitude é passível de localizar em um dos textos em estudo, o romance *Silêncio na Aldeia* pelo seu autor, Luís Fernando, na sua Nota do Autor. Escreve Fernando:

Em 1966, com cinco anos de idade, a nossa família (...) foi viver para o Tomessa, a aldeia que estava a emergir (...). O tempo anterior tinha sido uma espécie de sobra de guerra – desde o meu nascimento nas florestas de Canjenje, junto às margens do rio Cahumbo – passado no sopé da Pedra do Baba, onde os meus pais construíram, em 1961, uma casa de pau-a-pique (...).

Resultou tudo da dispersão causada pela guerra, quando os habitantes do lugar que ficou conhecido como Povo Antigo ou Ngungo (...) tiveram de se afastar quilómetros para sudeste, escapando à feroz repressão do poder colonial, depois dos violentos acontecimentos de 15 de março de 1961, com o selo da UPA. (Fernando 2015: 15-16)

No ano do nascimento do autor iniciava-se um período bélico longo. A consequência para a população que vivia em zonas não urbanas foi a necessidade de obter refúgio em locais menos perigosos e, assim, no caso das recordações de vida de Fernando, a solução foi procurar uma zona de floresta, a sudeste do Uíge, em cujos arrabaldes a família tinha vivido antes de 1961. Constatamos assim o que Igoe analisa no caso do Maasai: uma comunidade que fica sem terra, ou desprovida daquela que anteriormente providenciava sustento.

Uma das instâncias contidas no objeto de estudo é assim introduzido pelas palavras do próprio autor: lugares na narrativa literária e na narrativa jornalística e a porosidade existente, no caso de Luís Fernando, entre os locais existentes na geografia objetiva, e a forma como são narrados em textos jornalísticos e em textos literários, mediados pela escrita do mesmo autor, em suportes diferentes. Literatura e jornalismo literário colocam em letra de forma duas manifestações distintas de temas, por vezes idênticos. Deve acrescentar-se que em variada literatura seminal em língua inglesa sobre jornalismo literário, este é designado de *genre* (Connery 1992: xiv; Sims/ Kramer 1995: 5): para não causar mal-entendidos de nomenclatura, *genre* não será traduzido por gênero neste artigo, mas por designações alternativas.

Deve lembrar-se que não é fenômeno contemporâneo a divisão dos mesmos autores entre literatura e jornalismo. Nas Américas e na Europa, autores como Charles Dickens ou Eça de Queirós; Ernest Hemingway ou Stephen Crane, publicam obra nos dois grandes tipos de escrita. Crane apresenta-nos claramente um exemplo da dualidade de tratamento possível de material que inspire escrita. Este autor e jornalista norte americano (1871-1900), proporciona alguns exemplos concretos desta dualidade: nos primeiros dias de 1897, o próprio Crane sobrevive ao naufrágio do navio *Commodore* e usa essa experiência para escrever um conto, *The Open Boat*, publicado pela edição de junho de 1897 da revista *Scribner's*. Todavia, logo no início do ano, tinha sido publicado, por diversos jornais, artigo jornalístico-literário com o mesmo tópico, apenas 5 dias após os acontecimentos, a 7 de janeiro de 1897, nos jornais *The New York Press*, ou no *Chicago Tribune*, entre outros; ou dias mais tarde, a 21 de janeiro, no *Daily Mail*, de Londres.<sup>3</sup> Os títulos dos artigos variaram, consoante a publicação, mas, o que foi usado no jornal nova iorquino e depois glosado nos outros, foi “Stephen Crane’s Own Story”.

Por outro lado, a própria divisão entre jornalismo e literatura é fruto de um debate longo: na atualidade aponta-se uma diferença fundamental entre jornalismo, qualquer jornalismo, e literatura. O jornalismo tem um referencial externo, que existe em um momento e espaço, e é passível de ser testemunhado, ainda que o possa ser sob pontos de vista diferentes, por outros atores sociais. Na obra literária, como afirmam Wellek e Warren, “a referência é um mundo de ficção, de imaginação” (Wellek & Warren 2003: 18). Desde que a literatura e o jornalismo se separaram, enquanto diferentes modos de escrita, esta distinção é clara, mas nem sempre foi assim. Refletindo sobre a primeira metade do século XIX na Grã-Bretanha,

The separation of the two discourses into the conceptual categories with which we are accustomed today transpired during the 19th century as audiences came to distinguish the columns of the daily newspaper from the plots of novels. The boundary between news and novel, fact and fiction, and even truth and falsehood was not always clear during the preceding century in which fiction resembled journalism and journalism resembled fiction. For instance, Daniel Defoe’s *A Journal of the Plague Year* (1722) presented itself as a witness account of the bubonic plague of 1665 despite being written by Defoe himself half a century later. (Rubery 2010: 295)

Ou seja, mesmo com referenciais idênticos, a forma e os recursos estilísticos da escrita influenciam o produto final. No caso da obra de jornalismo literário e no caso referido do naufrágio sofrido por Crane, este autor utiliza no artigo ‘Stephen Crane’s own story’ técnicas que viriam a ser enunciadas e sistematizadas, sete décadas mais tarde, por Tom Wolfe (Wolfe 1973), na introdução à coletânea de textos que reavivou a designação *New Journalism* e lhe deu enquadramento enquanto forma distinta do jornalismo, dito convencional. Crane utilizou, como depois Wolfe viria a metodizar, a imersão necessária para conhecimento total das circunstâncias acerca das quais escrevia; utilizou diálogos ocorridos entre os sujeitos envolvidos na ação, os marinheiros; pormenorizou os detalhes das cenas reportadas; e manteve a voz do narrador sempre presente (Wolfe 1973: 10-22). Wolfe exemplifica recursos estilísticos emprestados da literatura ao nomear o capítulo onde reporta sobre este *New Journalism*, usando forma escrita de expressão de oralidade: “What inna namea christ is this?” (Wolfe 1973: 10), oralidade transcrita que seria depois bastante utilizada nos artigos que compunham todo o volume, de autoria de mais de uma dezena de autores que Wolfe e o coeditor, E.W. Johnson, selecionaram para demonstrar a pujança deste jornalismo, recolhendo variados contributos anteriormente dispersos em múltiplos jornais e revistas.

A tradição deste tipo de escrita nos EUA não se tinha perdido no século XIX: basta recordar nomes como Martha Gelhorn (*The Face of War*, 1936) ou John Hershey (*Hiroshima*, 1948), entre muitos outros, para comprovar que a escrita do jornalismo literário tinha continuado viva, muito suportada por revistas como a *The New Yorker*, ou a *Scribner’s*. Em paralelo, o interesse académico persistiu e depois de Wolfe, na realidade um cultor deste tipo de jornalismo, mas também de ficção, académicos como Tom Connery (*A Sourcebook of American Literary Journalism. Representative Writers in an Emerging Genre*, 1992) Norman Sims (*Literary Journalism in the Twentieth Century*, 1990) ou John Hartsock (*A History of American Literary Journalism*, 2001) consagram o seu estudo na academia americana. Na atualidade, uma das fontes mais relevantes de escrita académica sobre este jornalismo, é a revista *Literary Journalism Studies*,<sup>4</sup> publicada pela *International Association for Literary Journalism Studies*.

Relevante traço distintivo, essencial no jornalismo literário, é a veracidade e acuidade na narração dos factos e a sua relação direta com acontecimentos, tal como ocorreram. Ao contrário da literatura, que, de acordo com Wellek e Warren, como referidos por Winterowd: “they move one step further, to say that literature is its own truth: ‘art is substantively beautiful and adjectivally true (i.e. doesn’t conflict with truth)’” (Winterowd 1990: 5). No jornalismo literário, como em qualquer jornalismo, a verdade não se encontra na palavra que a retrata, como é o caso da literatura, que constitui um universo referencial próprio, mas no referente externo, factual, que a motiva. O jornalista escolhe o tema do artigo, segundo princípios próprios ou de *agenda setting*,<sup>5</sup> foca-o de acordo com a sua escolha de valorização e priorização dos elementos da história, reveste o texto das características de escrita mais adequadas ao seu estilo, mas não pode fugir à veracidade e verificabilidade dos factos e personagens a que a narrativa jornalística alude. Um dos autores seminais de jornalismo literário, Norman Sims, escrevia em 2009:

In trying to understand the centrality of this issue, literary journalism can be seen as a genre surrounded by other related forms of literature. (...) We can imagine literary journalism in the center of a design, say as a ceramic tile connected to other tiles. There are borders between literary journalism and the surrounding forms, which include autobiography, fiction, science writing, conventional journalism, and history. Sometimes a writer can stray over a border without damage – say into science writing or history. But when the writer crosses the border into fiction, it triggers a hunt by the guardians of journalism. (Sims 2009: 11)

O jornalismo literário é uma peça de um mosaico que constrói um desenho total para a escrita, que, por pertencer a este tipo de escrita, nunca pode ultrapassar as fronteiras da verdade exterior ao próprio texto, desvirtuá-la, ultrapassá-la ou compô-la, sob pena de aticar os guardiões do jornalismo.

Deve ainda acrescentar-se que, dentro do jornalismo literário, existem tipos de texto distintos, alguns com aumentada representatividade em zonas geográficas, culturais e linguísticas específicas. A crónica é um exemplo dessa variedade, sendo cultivada há décadas num universo ibérico, latino americano e africano.<sup>6</sup> Não sendo fácil de definir ou delimitar, como admitem Garcia Galindo e Cuartero, a crónica jornalística contém para estes autores três elementos fundamentais: reporta-se a um facto noticioso escolhido pelo jornalista; pode assumir um tom opinativo ou interpretativo; o autor do texto está presente no próprio texto. A segunda característica faz a crónica distinguir-se do jornalismo noticioso convencional que admite a presença visível do jornalista, apenas no jornalismo de opinião. O estudo fundacional de Mikhail Bakhtin sobre géneros discursivos, publicado inicialmente em 1979, em Moscovo, aponta três elementos fundamentais associados à construção composicional do enunciado: “o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional” (Bakhtin 2006: 263). Bakhtin admite enunciados orais e escritos e, dentro deles, salienta que os diferentes géneros discursivos evoluem e modificam-se com a localização específica da enunciação, a cultura, o enunciador ou o momento histórico envolvidos. Ora a crónica apresenta esses três elementos estruturantes e articula-os de forma muito clara com a cultura, as línguas usadas e diferentes momentos históricos, contudo mantendo sempre uma construção composicional característica e um estilo próprio.

Este respaldo teórico numa figura como a de Bakhtin assiste ainda o propósito de situar um tipo de jornalismo – o jornalismo literário – e as suas diferentes enunciações regionais, nacionais ou com suporte linguístico semelhante. Voltando ao artigo de Norman Sims de 2009, o autor refere a tradicional *reportage* praticada nos países do Leste Europeu: veja-se o impacto internacional recente de Svetlana Aleksándrovna Aleksíevich mas também na operacionalização chinesa, *Bao Gao Wen Xue*, popular nos anos de 1930. Regressando à crónica, vemos que estes textos relativamente curtos, publicados em jornais e revistas, e atualmente em plataformas online, versam tópicos relacionados com a vida quotidiana de pessoas ou eventos que o jornalismo noticioso frequentemente ignora, por serem considerados pouco relevantes para a agenda pública.

Acresce outra base conceptual, relevante para esta análise e que é um dos conceitos relevantes para a compreensão de qualquer jornalismo, o conceito de representação.

Like their counterparts in the entertainment industry, the narratives of news are not reality, but representations of reality, created according to professional codes and practices that typically rely on familiar templates. Journalists may claim that they don't make the news, they just report it, but communication research has made clear the constructed nature of news (see, for example, Epstein 1973; Gans 1979; Tuchman 1978). (Moritz 2010: 321)

Será esta representação que procuraremos analisar, e seguindo o caminho dos percursores teóricos das questões de representação que Moritz refere, indagar em que medida a representação mediática da interação de lugares e pessoas se é idêntica ou diferente, em obra ficcional ou jornalístico literária do autor sob escrutínio.

Ou seja, o jornalismo literário e algumas das suas roupagens nacionais, regionais ou linguísticas, têm exercido grande influência na representação e consequente percepção do público sobre determinados fenómenos, fomentando até a alteração de políticas públicas. Veja-se as consequências espoletadas pela publicação, no final do século XIX pela obra de Jacob Riis, *How the Other Half Lives*, que levou à regulamentação da habitação em Nova Iorque e, já neste século, o impacto da obra de Svetlana Aleksándrovna Aleksíévich, em *Vozes de Chernobyl – História de um Desastre Nuclear ou O Fim do Homem Soviético* – Um tempo de desencanto, que trouxeram o primeiro Nobel da Literatura a uma autora/jornalista, e recolocaram os temas que versa na agenda pública.

Concluindo e para destrinçar jornalismo literário de literatura, relembremos a narrativa de Crane anteriormente tomada como exemplo, que toma um evento real, um naufrágio, e constrói textos jornalístico-literários que não se distanciam da realidade dos eventos, da sua ordem cronológica e dos seus personagens, enquanto o conto pelo mesmo autor pode, sem trair a natureza da escrita literária, construir uma lógica diegética que existe por si, sem por isso ser disputada ou desacreditada pela ausência ou inexatidão de referencial externo.

Neste recurso a teoria de diferentes disciplinas poderemos avançar na análise, finalizando esta secção, de índole mais teórica, com uma explanação sucinta do método a seguir para a concretizar.

### **O texto como objeto de estudo e o percurso metodológico para a sua concretização**

Em termos do método utilizado, de índole qualitativa, recorre-se à análise de conteúdo. A análise de conteúdo tem uma história longa, de aproximadamente um século. Harold Lasswell, um cientista político afiliado à Escola de Chicago, publicou em 1927, *Propaganda Techniques in the World War*, que se propunha, tal como o autor refere: “develop a simple classification of the various psychological materials, which have been used to produce certain specified results.” (Lasswell 1938:13). Lasswell e a sua escola queriam estabelecer uma técnica que lhes permitisse classificar as mensagens mediáticas que pretendiam reproduzir junto da população civil

o efeito obtido junto dos exércitos pela repetição de exercícios (*drill*). Sendo a população civil menos enquadrada do que a militar por organizações que as fizessem adotar opiniões e mesmo comportamentos que alinhassem com os objetivos da hierarquia, o ambiente para a obtenção de persuasão ou doutrinação possível era o dos *media* de países envolvidos na I Guerra Mundial em campos opostos (Inglaterra, França, Alemanha e Estados Unidos).

Desde estes primórdios, com inspiração em áreas como a ciência política e a estratégia, a atualização desta técnica vai orientar-se para a análise de mensagens mediáticas de diferentes tipos e por motivos que não se prendem apenas com a persuasão. Na obra de Laurence Bardin de 1977, *L'analyse de contenu*, a autora elucida que a raiz do método é dedutiva, usando a inferência e, como menciona esta autora, “desempenhando uma tarefa de ‘desocultação’,” (Bardin 1979: 9). Bardin apresenta como passível de análise por esta técnica múltipla, toda uma variedade de mensagens, a ser executada por diferentes áreas da ciência. Simultaneamente, apresenta a análise de conteúdo como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (*idem*: 31).

Ainda que frequentemente usada na sua vertente quantitativa, neste artigo manteremos a abordagem qualitativa, usando para o efeito a codificação e categorização de excertos dos textos jornalísticos e literários de Luís Fernando já referidos na Introdução: as crónicas coligidas em três volumes de *Anos de Vida*, o corpus jornalístico, e o romance *Silêncio na Aldeia*.

Não se afigura correto adotar uma análise quantitativa, pois temos em apreço dois tipos diferentes de escrita. A questão que nos vai ocupar é a abordagem representativa, em cada uma delas, da ligação existente entre os locais da ação descrita ou do enredo, os sujeitos da ação e as interações veiculadas ao público leitor das personagens, as tramas que constroem nos locais que habitam e que, progressivamente, tornam seus, reorganizando-os em termos de significado e simbolismo.

## O Autor

Antes de nos debruçarmos sobre a análise do corpus e o seu entrelaçar com os lugares que povoam os textos, é relevante apresentar o autor cuja obra estará em apreço. Luís Fernando é um jornalista e ficcionista angolano com vasta obra literária publicada, e uma vida dedicada ao jornalismo nas suas variadas vertentes. Nascido no dia 1 de outubro de 1961, “nas florestas de Canjenje junto às margens do rio Cahumbo”<sup>7</sup> na província do Uíge, Fernando inicia a Nota de Autor do romance que nos vai ocupar ao longo deste capítulo, escrevendo: “*Silêncio na Aldeia* é dedicado ao lugar do mundo que mais me pertence e amo, o Tomessa” (Fernando 2015: 15). Iniciou aos dezassete anos atividade profissional na área do jornalismo, em momento que era propício a esta escrita, muitas vezes apelidado de primeiro rascunho da História. Luís Fernando experienciou, desde a infância, a evolução histórica acelerada que a sua Angola natal atravessava.

Fernando nasce no ano do início da primeira guerra que iria testemunhar, a guerra de libertação do seu país, a guerra do Ultramar como era apelidada em Portugal na época, a guerra colonial portuguesa como é referida atualmente na literatura existente sobre o tema. Fernando cresce com um profundo apego à aldeia onde cresceu, um local de liberdade de infância, onde as descobertas de um mundo rural eram partilhadas com a família e os amigos que constituíam um mundo organizado e feliz.

O autor enceta carreira no jornalismo muito jovem: referimos que o fez aos 17 anos, em julho de 1978, na Emissora Provincial do Uíge da Rádio Nacional de Angola,<sup>8</sup> quando Angola independente tinha dois anos de idade. Essa fase precoce do seu trajeto está menos documentada mas, como é referido na entrevista que concedeu a Venceslau Mateus da Angop, e que pode ser lida no site da União dos Escritores Angolanos,<sup>9</sup> o autor percorreu diversas posições nos media angolanos: chefe de redação e diretor de informação da Radiodifusão Nacional de Angola, bem como diretor geral do *Jornal de Angola* e do semanário *O País*.

A obra literária está publicada em Angola, com presença nos escaparates desde 2002, com *A Saúde do Morto*. Na página *Bio-Quem de Luís Fernando*, do site da União de Escritores Angolanos, e citando uma entrevista que o autor concedeu ao *Jornal de Angola*, apuramos uma parte da visão que Luís Fernando atribuía à literatura angolana: “No fundo, podemos dizer, apesar de tudo, nós!”<sup>10</sup> A perceção e representação de pertença a um coletivo foram definidas por critérios que os cidadãos do país vão assumindo, mesmo durante fases violentas (como se registou, com grande perda de vidas e de desenvolvimento durante o período de Guerra Civil, apenas terminada em 2001) e noutras ocasiões por impulso mediático. Mais recentemente, em 2020, o livro que inaugurou a carreira de ficcionista do autor, é traduzido e publicado em Espanha, com o título *La Salud del Muerto*, sob a chancela da Casa África.

Fernando contribui, ao longo dos seus mais de quarenta anos de carreira, para o diálogo pacífico e de agendamento mediático de múltiplas realidades, por vezes ignoradas quando preteridas em favor de outros assuntos, frutos de viés político, fenómenos de globalização centrada na norma ocidental ou quaisquer outros motivos.

Tanto *A Saúde do Morto*, como aquele que viria a ser, de certo modo a sua sequela, *João Kyomba em Nova Iorque*, de 2005, mantêm a personagem que denomina o segundo livro, João Kyomba, um feiticeiro. Seguem-se *Clandestinos no paraíso* (2005), com ação situada na Luanda contemporânea, *A cidade e as duas órfãs malditas* (2008), também localizada em Luanda, mas desta feita no século XIX. De permeio, colabora em obras coletivas e, em 2015, publica, já com a chancela da Mayamba Editores, a obra que nos ocupará ao longo deste artigo, pelo lado literário, *Silêncio na Aldeia*.

Quanto à obra jornalística, está espalhada por diferentes jornais e revistas onde colaborou. Compilou em 1999 a primeira coletânea de textos jornalísticos, *Noventa Palavras*. Na entrevista anteriormente referida que concedeu a Venceslau Mateus, Fernando refere a propósito da publicação deste volume:

Quando publiquei o meu primeiro livro, há 16 anos, a minha única preocupação era reunir num único volume textos que achava merecedores de alguma atenção, que julgava conseguidos, para evitar que eles se perdessem nas páginas de jornais que morreriam carcomidos em armazéns invadidos por teias, pó e outros factores de desgaste como o tempo implacável. (Mateus, s/d)

Os textos que nos vão providenciar o corpus jornalístico a analisar foram originalmente publicados semanalmente na revista *Vidas*, do jornal *O País*, em especial as que foram depois

coligidas em três volumes: *Um Ano de Vida. Crónicas, Dois Anos de Vida e Três Anos de Vida. Crónicas Pipocadas para uma novela de mudanças*. Estes textos tinham sido publicados desde a fundação do jornal, em 2008, e correspondem aos três anos iniciais do magazine deste jornal generalista.

Deve realçar-se que o autor foi galardoado em 2011 com o Prémio Maboque de Jornalismo, o prémio de jornalismo mais prestigiado em Angola. Desde 2017, Luís Fernando interrompeu a carreira jornalística para assumir o cargo de Secretário de Imprensa do Presidente da República angolano, João Lourenço.

### *Anos de Vida e Silêncio na Aldeia*

As 155 crónicas de Luís Fernando publicadas inicialmente na revista *Vidas* e coligidas em três volumes, e o romance *Silêncio na Aldeia* (SNA) apresentam locais geográficos variados, mas para efeitos desta análise recortámos apenas aquelas que referem a área de nascimento do autor, na província do Uíge, a zona da Tomessa real das crónicas e a sua representação ficcionada em SNA, Tomalala, em contraste com a outra localização, a cidade de Luanda.

Procurámos respostas a duas questões concretas: como são, no texto jornalístico-literário e no texto literário representadas as regras de convivência, relacionamento humano e costumes no meio rural angolano e no meio urbano; e como são, no texto jornalístico-literário e no texto literário abordadas as características físicas (geográficas, climatéricas, de ordenamento) dos locais escolhidos situados no meio rural e no meio urbano.

Iniciando a nossa análise da primeira questão por uma crónica, “O meu tio Castelo Menjila”, temos, num mesmo texto, um retrato de relacionamentos humanos num meio rural e em situação intergeracional: o tio do autor, deu-lhe a comer em criança, como guloseima, um punhado de *jisombe*, uma espécie de larva comestível que habita as palmeiras. O autor, olha o seu comportamento décadas depois e escreve, apreciando o desperdício feito anos antes: “sem saber que o bom da vida tinha sido deixado no começo do Mundo pelo Criador naquelas imensas florestas verdes do Uíge infinito...” (Fernando 2014a: 29). O seu eu menino tinha desprezado um petisco tradicional, influenciado por uma valorização negativa de algo, à época, muito associado ao costume gastronómico ancestral. O mesmo pitéu é referido em *Silêncio na Aldeia*, quando a personagem principal feminina, Inês, filha do velho viúvo Bento Mayamona, leva ao pai, como de costume, o matabicho matinal e lhe acrescenta o pitéu, que é referido nesta obra de ficção com o seu valor atual no mercado gastronómico angolano: “um punhado de *jisombe*, o petisco da palmeira que se tinha convertido numa espécie de relíquia bolsista pelo seu preço proibitivo” (Fernando 2015: 56).

Em duas situações intergeracionais, tanto em escrita jornalístico literária como literária, o valor relativo de um produto da terra, comensal de uma árvore autóctone, é apreciado pelo autor no presente, tanto numa como na outra, em contraponto ao sucedido anos antes quando, ainda criança, recusava uma iguaria local por lhe ser estranha e, por isso, considerada indigna de ser consumida a uma refeição. Não sendo ‘normal’, o fruto da terra é desprezado: contrariamente, anos depois, é valorizado de tal maneira que até se transforma em manjar vedado a

quem não tem poder económico elevado.

Na introdução ao presente artigo é referido, um excerto de autoria de William Kirk: “Only space makes possible the particular, which then unfolds in time” (Kirk 1963: 357). A relação existente entre o particular, o localizado, e a apreciação qualitativa que é feita, ao longo do tempo, é muito clara neste exemplo tão simples, do valor relativo e percebido de uma larva, enquanto ser indesejável, ou iguaria admitida e reconhecida com tal, em determinado espaço e determinado tempo, devido a percepções valorativas que se foram alterando, já que o ser em si, se manteve no seu posto de costume, a palmeira, seu habitat natural.

A maior parte das crónicas de Fernando refere situações em meio urbano, muitas delas em Luanda, falando dos seus habitantes e do bulício e confusão que impera em muitas das suas ruas e bairros. As mulheres são tema de muitas delas: as zungueiras, as vendedoras ambulantes que levam os mais variados bens às portas dos luandenses ou às ruas da cidade, constituindo o ganha pão de muitas famílias que delas dependem na totalidade, como na crónica “Vamu mbora saldar” (Fernando 2014: 96-98) e acerca de quem o autor escreve: “a arte que as nossas mães foram forçadas a dominar depois que a guerra roubou-lhes as lavras do sustento e o sossego das suas aldeias.” (Fernando 2014a: 96). Nesta frase entrevê-se o relacionamento conflituante com o espaço urbano, por parte de uma população deslocada para Luanda pela guerra, tendo pelo caminho, perdido sustento e estrutura de vida. Encontram o espaço urbano hostil, que desenraíza, empobrece e desestrutura.

Na ficção, localizada na aldeia ficcional de Tomalala,<sup>11</sup> que o próprio autor diz inspirado pela aldeia de origem Tomessa, a perspetiva da cidade no passado, era bem mais paradisíaca. Um dos habitantes de Tomalala era o Miguel Quete. Dele refere o romance:

Muito novo, empregou-se numa companhia de transporte interdistrital, a Lusitânia, e obteve logo vantagem (...) Dele se escutaram relatos de outras terras, Camabatela, Dondo (...) a cinquenta, cem, duzentos, trezentos quilómetros, uma verdadeira volta ao mundo para as ideias de viagens e de expedições da época. Foi quando trouxe o gramofone que se consolidou a certeza de que andava de aliança fechada com os caminhos do progresso. (Fernando 2015: 91)

O meio urbano, distante mais de cinquenta quilómetros, era uma miragem longínqua, mas também um sinal de progresso, demonstrado por aparelhos como o gramofone. O espaço urbano é retratado neste excerto como utopia de futuro, com uma percepção de distância totalmente diferente da atual.

Contudo, essa utopia não se acerta com a realidade de forma tão harmoniosa no presente. Na crónica “Cacimbo glorioso”, a cidade de Luanda é contraposta, nos inconvenientes decorrentes desta estação quente a outras experiências anteriores durante a estação que significava calor e férias escolares. Escreve Fernando:

Muitas décadas antes de a estação mais curta do ano em Angola ter o valor que tem para cidades de saneamento problemático como Luanda, o Cacimbo era, tão só, a maior alegria das pessoas.” (Fernando 2014c: 88)

Enquanto que a secura e calor, no tempo presente em Luanda é uma fonte de problemas, incómodos e mesmo doença, esse tempo, coincidente com as férias grandes escolares do passado, era sinónimo de estadia das crianças com os avós, nas suas aldeias. Nesses meses, as crianças eram enviadas pelos pais para ficarem com parentes que vivessem no campo. Era a estação da apanha do café e serviam: “para se instalarem nas suas fazendas. Juntavam o agradável ao útil: estreitavam os laços afectivos muito especiais que os humanos desenvolvem com os pais dos seus progenitores e, em simultâneo, ajudavam os avós nas lides cafeeícolas” (Fernando 2014c: 89). O espaço do campo era subdividido e ordenado, em termos de companhia e afetos humanos, estações do ano e organização de vivência, contato com o mundo dos adultos, sem esquecer que era protagonizado por crianças. Fernando refere que a avó sempre cozinhava ovos para os seus meninos, recompensando-os do ano de trabalho e sucesso escolar. Os lugares no campo tinham e têm claro lugar na tradição e nas raízes, pois continua a referir muitas idas, na atualidade, para a província do Uíge, como na crónica “Ulisses e a galinha” (Fernando 2014: 81-83), escrita após a visita feita à família ainda residente nessa zona de Angola, após o nascimento da filha mais nova. A visita é uma homenagem à terra de nascimento do pai, uma homenagem à família que conhecerá o rebento mais novo. Por sua vez, a família homenageia o novo parente com “a oferta de comida abundante à visita que chega” (*idem*: 82). O território ancestral celebra e é celebrado, da forma tradicional, demonstrando a ligação da família e a ligação à terra de origem.

Essa mesma ligação é demonstrada na ficção, cujo enredo vive das histórias da descendência do patriarca, Bento Mayamona. A sua vida seguia ao compasso dos acontecimentos: a viuvez, a filha, a evolução na família e as influências de forasteiros, mas também do local e da casa onde vivia. Era a sua base, mas a natureza e os seus elementos estavam muito presentes, por exemplo quando chovia e o ruído da água a cair no telhado não permitia que se ouvissem: “E, num repente, a chuva. Começou a cair com uma intensidade tal, que a conversa teve que ser interrompida” (Fernando 2015: 74). Contudo, os espaços da ficção de *Silêncio na Aldeia* são também oníricos, mas com um referencial verdadeiro. Bento Mayamona sonha um dia com a história de um casal, que vai sofrer as agruras do destino de muitos angolanos que eram enviados para locais distantes como São Tomé e Príncipe, (Sandomeia, no linguajar local), ou para outros mais próximos, em Angola, para trabalhar por Contrato,<sup>12</sup> uma forma mais recente, mas ainda aproximada à escravatura, que obrigava o contratado a aceitar esse destacamento determinado pela administração, durante o tempo que lhe fosse determinado, sem poder recusar ou regressar. Uma realidade do passado, ao tempo da narrativa ficcionada, mas que permanecia na memória de todos, como o tempo em que a decisão sobre o trabalho que se desempenhava ou o local onde se vivia dependia de outrem, de uma autoridade que tinha poder discricionário sobre a vida das populações locais, forçando migrações indesejadas.

Mas na ficção, tal como na escrita jornalística, as mulheres não se resignam: a filha obediente e cuidadosa com o pai idoso, Inês, decide procurar novo marido quando o atual não a satisfaz, colidindo, com persistência, com a vontade paterna e do primeiro marido: “depois do terramoto que tinha sido expor a sua intenção de aderir à poliandria, partilhando segredos de alcova com dois maridos.” (Fernando 2015: 72). Contudo, Inês depara-se com uma dificuldade:

o segundo marido que procurou, não se encontrava no local onde calculava que estivesse. Teve que arrostar com uma caminhada longa, ficou cansada, doente e foi mesmo tomada por uma assassina em potência, à conta do seu aspeto e de vaguear aparentemente sem destino (*idem*: 100-103). O espaço rural é delimitado primordialmente aos seus habitantes, e os forasteiros são encarados com suspeição. O espaço é preservado contra o outro, o forasteiro que acarreta perigos para a vida dos residentes que recebem e condenam a alteridade. A defesa das comunidades contra perigos externos é necessária, e os líderes locais cuidam de a manter, ainda que no caso de Inês, o soba não a tenha castigado pela sua deambulação suspeita e uma mulher local a tenha tomado sob sua proteção enquanto Inês recuperava.

Muitos outros exemplos se poderiam acrescentar. Mas, em todos os apresentados, se constata que os lugares da ficção e da narrativa literária são, urbanos ou campesinos, lugares de angolanos que neles têm raízes ancestrais e futuros em construção, em ambiente que mantém mais facilmente as tradições onde não houve desenraizamento, as aldeias, e os desafios de futuro mais presentes e difíceis de superar em ambiente urbano, onde a influência de outras culturas e valores se atropela. Afinal, o receio dos viandantes, patente na reação negativa a Inês, continua presente.

### Considerações Finais

A interação de locais e os seus habitantes é intrínseca à existência humana. A fundamentação deste artigo invocou algumas reflexões das ciências da geografia para as cruzar com a base teórica do jornalismo literário e da literatura e assim poder analisar comparativamente as representações que o jornalista/escritor Luís Fernando inscreve nas suas crônicas e romance, representações das dinâmicas de territórios urbanos e rurais angolanos com os seus habitantes, e daquelas existentes entre os seus habitantes.

A pesquisa feita para atingir o primeiro objetivo permitiu observar que o relacionamento entre população e território, tanto cidadão como rural, é penalizado com o desenrolar do atribulado fluxo populacional. Esse prejuízo surge, por exemplo, quando diferentes grupos se digladiam entre si por disputas relacionadas com território ou os seus recursos, ou quando o ordenamento dos espaços é orientado por políticas de território e/ou urbanismo organizado por princípios que não são os da tradição ou necessidades inerentes à vida das populações que os ocupam. Os movimentos populacionais e suas consequências, decorrentes de fatores históricos como guerras ou abuso de autoridade, são evidentes nos textos abordados. Em consequência e tal como referido acima, encontramos em Jim Igoe justificação para a criação de um movimento de desapossados e todas as consequências daí derivadas (Igoe 2006: 411). As figuras do passado que eram desenraizados de Angola para ‘Sandomeia’, os angolanos do presente que migraram para Luanda e que nela habitam sem condições, todos encontram oposição e resistência aos seus trajetos de vida que não tiveram direito a determinar por si.

Por um lado, nos textos jornalísticos, é claro que a cidade de Luanda, planeada para um número reduzido de habitantes, em tempos de administração portuguesa, tem sofrido a pressão do aumento populacional decorrente dos períodos de guerra e do apelo das grandes cidades para

migrantes internos e externos. A sua organização atual ultrapassou a capacidade e o simbolismo anteriores: de capital de uma província ultramarina, a cidade tornou-se a capital de um país independente, com o seu próprio papel no panorama internacional e relevância interna. A urbe construída em local elevado, símbolo de um domínio colonial, é agora uma metrópole espalhada por grande superfície, com população proveniente de muitos locais de Angola e de outros países.

Como preconizado por autores como Wolfe ou Sims, o jornalista literário aponta, fundamentalmente, os objetos da sua pesquisa jornalística imersiva e reporta na sua própria voz: Fernando inclui, na sua agenda pessoal, as vozes dos habitantes de Luanda, a capital do seu país, em busca de uma identidade, em constante mudança. O local de refúgio ou de procura de vida melhor responde de forma dissonante às expectativas, simultaneamente criando problemas e oportunidades que cada um procura explorar, individualmente ou de forma coletiva. O exemplo mais acabado de trabalho informal, a venda ambulante, desdobra-se entre a concorrência pela obtenção de clientes e a concertação, referido no texto em que se mostra como as zungueiras combinam, ao final da jornada de trabalho, as baixas de preços simultâneas, porque têm um objetivo comum básico, que é a sobrevivência das suas famílias. Fernando procura temas fora da agenda mediática, dá, na sua voz, existência nas crónicas a figuras da cidade que precisam ser realçadas, para escaparem ao mero papel de figurantes da cidade, vistos, mas não notados.

O mesmo autor, quando dedicado à escrita de ficção, foge das limitações do real e escapa para um imaginário que lhe permite criar, fundado em dados realistas, enredos fantásticos, com componentes oníricos de passados reais ou de crenças, contemplando a liberdade de referenciais imaginários que Wellek e Warren (2003) referiam. Pode dar-se como exemplo, os locais do passado que se constituíam como castigo sem motivo aparente, os destinos do Contrato, que representavam a incapacidade da vontade individual se opor às decisões de outrem. Na escrita jornalística, os sujeitos do destino fortuito são as mulheres que em Luanda recorrem à venda ambulante, que tiveram que abandonar os seus locais de origem, devido à guerra ou à pobreza que se instalou nas províncias. Dos lugares de cativo do passado para os lugares de trabalho duro do presente, nas duas escritas se escreve a história passada e presente de angolanos a procurar restabelecer o equilíbrio nas vidas pessoais que decisões de outros destabilizam sem possibilidade de apelo individual.

É dado muito destaque a questões de género associadas às localizações das protagonistas: Inês, no romance, buscando a sua realização, entre a fidelidade a princípios ancestrais de respeito pelos mais velhos e a busca individual de felicidade. Nessa busca, defronta espaços que não eram dela e não consegue obter solução para a sua insatisfação longe da aldeia natal. Na obra jornalístico-literária, o autor reporta sobre as mulheres que percorrem as ruas de Luanda, perigosas, mas abertas à iniciativa de mães de família que procuram prover as necessidades da família. Desta forma valida um grupo de trabalhadoras informais frequentemente depreciadas e mesmo perseguidas.

Campo e cidade estão a ser retomados pelas personagens que os habitam, no texto literário e no jornalístico-literário. Os dois tipos de texto vão ao passado buscar referenciais, da

imaginação ou da memória, que, de tradição africana ou intervenção europeia colonial, moldaram os destinos das populações que, lentamente, recuperam a influência própria sobre os locais que habitam, cientes de que é a sua forma de vida e a sua tradição que moldarão o relacionamento indivíduo/sociedade e os locais. O texto jornalístico-literário tem uma principal diferença do literário: os textos curtos da crónica, a leitura de um texto de uma página de jornal, permite um impacto mediático mais alargado. A regularidade de publicação do jornal *O País* e a sua presença online propiciam maiores audiências do que as obtidas por obras literárias como o *Silêncio na Aldeia*, como realçado pelo autor na entrevista de Venceslau Mateus referida e em que Fernando exorta à leitura de obras angolanas, em Angola.

Não se pode deixar de referir que o romance permite maior profundidade de tratamento de questões relacionadas com o relacionamento intergeracional e dos papéis sociais atribuídos ao género masculino e feminino, tradicionalmente, e da sua evolução. Se a crónica parece propor validações urgentemente necessárias, o romance propõe reflexão. Em termos de representação mediática, pode concluir-se que o texto da crónica mostra sinais de validação ou chamada de atenção para a existência de uma questão ou tópico: valida a vendedora ambulante e reclama a não naturalidade do drama da condição de vida dos habitantes de Luanda. Como texto jornalístico, tem um referencial, cuja representação mediática tem que ser reconhecida como plausível pela experiência do leitor. O jornalista escolhe o ângulo, a relevância, a forma jornalística mas é obrigado ao referencial no mundo observável. A representação literária pode ter todos os elementos anteriores, mas adiciona-lhes uma autonomia total de criação do seu próprio referencial, produzindo uma representação assumidamente autoral que escapa aos guardiões da verdade factual.

Apesar das filiações a escritas distintas, no olhar literário ou jornalístico de Luís Fernando não se apercebem grandes diferenças entre as abordagens feitas aos locais e atores da ação. Textos jornalístico-literários ou literários pretendem evidenciar a reapropriação dos locais pelos seus habitantes e a reorganização da sua vida comum. Afinal, as vozes autorais, nas duas escritas, pretendem demonstrar que os locais onde se vive em construções de pau a pique “along meandering footpaths” (Njoh 2009: 307) ou na cidade algo hostil, não são lugares sem valor ou menores, mas aqueles onde se pode construir futuro.

## NOTAS

\* Alice Donat Trindade é doutora em Estudos Americanos, com tese sobre jornalismo literário americano. É Professora Associada e Vice-presidente do ISCSP, Universidade de Lisboa. É Diretora do Instituto de Estudos Pós-graduados do ISCSP, ISCSP-IEPG. Foi membro fundador da *International Association for Literary Journalism Studies* (IALJS), tendo sido Presidente da organização no biênio 2010-2012. As áreas temáticas de investigação e publicação atuais incidem sobre Jornalismo Literário de Língua Portuguesa e ensino de Línguas. As publicações sobre jornalismo literário mais recentes abordam o jornalismo literário em Língua Portuguesa e as influências internacionais que o mesmo tem sofrido, a Norte e Sul do Equador, bem como a abordagem de jornalismo literário às guerras coloniais em África. Das publicações mais recentes, pode destacar-se a co-edição em 2018 do volume *Literary Journalism and Africa's Wars*, publicado pela Universidade da Lorena, e o número publicado pela revista *Literary Journalism Studies* em 2020 sobre jornalismo literário em português.

<sup>1</sup> Lösch desenvolveu o conceito pré-existente de *central places*, lugares que tinham um valor económico, social e cultural central. No caso de Fernando a centralidade do lugar tem contornos mais humanos e individuais, mas preserva a sua relevância enquanto catalisador.

<sup>2</sup> De acordo com o artigo de Souza e Pereira (2017), "GEOGRAFIA: relações científicas e análise de métodos", o conceito da ciência Geografia tem sofrido múltiplas evoluções, relacionadas com o pensamento filosófico e político contemporâneo.

<sup>3</sup> Cf. Stephen Crane's Own Story: A Digital Edition, disponível em <https://sites.lafayette.edu/crane-edition/>

<sup>4</sup> Cf. Revista disponível livremente online, <https://ialjs.org/publications/>

<sup>5</sup> Cf. a enunciação simplificada do conceito de *agenda setting* por McCombs, Shaw & Weaver: "Although there are seven distinct facets of agenda-setting theory, many regard agenda setting as the transfer of issue salience from the news media to the public agenda." (McCombs/ Shaw/ Waver 2014: 787).

<sup>6</sup> Cf. Por exemplo Alice Trindade, "Memory and Trajectory: Crónica in the Portuguese-speaking World" (Trindade 2020).

<sup>7</sup> Fernando escreve no *Silêncio na Aldeia*: "O tempo anterior tinha sido uma espécie de sobra de guerra – desde o meu nascimento nas floretas de Canjenje, junto às margens do rio Cahumbo..." (Fernando 2015: 11), acrescentando que a sua família se mudou para a aldeia de Tomessa em 1966.

<sup>8</sup> Cf. Artigo da Agência Angop de 1 de julho de 2008, em [https://www.angop.ao/noticias-o/?v\\_link=https://www.angop.ao/angola/pt\\_pt/noticias/lazer-e-cultura/2008/6/27/Escritor-Luis-Fernando-lanca-Cidade-Duas-Orfas-Malditas,8b82509c-1096-4afd-a427-8a27fff61af8.html](https://www.angop.ao/noticias-o/?v_link=https://www.angop.ao/angola/pt_pt/noticias/lazer-e-cultura/2008/6/27/Escritor-Luis-Fernando-lanca-Cidade-Duas-Orfas-Malditas,8b82509c-1096-4afd-a427-8a27fff61af8.html)

<sup>9</sup> Esta entrevista foi realizada após a publicação da 1ª edição de *Silêncio na Aldeia*, em 2015.

<sup>10</sup> Cf. nota biográfica constante do site da União de Escritores Angolanos.

<sup>11</sup> Luís Fernando dá-nos o significado da palavra *tomalala*, do kikongo, a língua principal da região: "desapareça em paz, desapareça bem ou serenamente." (Fernando 2015: 18).

<sup>12</sup> Cf. "De Escravos a "Serviçais", de "Serviçais" a "Contratados": Omissões, percepções e equívocos na história do trabalho africano na Angola colonial" (Neto 2017). A autora, Maria da Conceição Neto, refere o regime existente enquanto vigorou o estatuto do Indigenato.

## Bibliografia

- Bakhtin, M. (2006), *Estética da Criação Verbal*, São Paulo, Martins Fontes.
- Bardin, Laurence (1979), *Análise de Conteúdo*, Lisboa, Edições 70.
- Fernando, Luís (2005), *Clandestinos no Paraíso*, Luanda, Nzila.
- (2008), *A cidade e as duas orfãs malditas*, Luanda, Nzila.
- (2014a), *Um Ano de Vida. Crónicas* (2ª ed.), Luanda, Mayamba Editora.
- (2014b), *Dois Anos de Vida* (2ª ed.), Luanda, Mayamba Editora.
- (2014c), *Três Anos de Vida. Crónicas pipocadas para uma novela de andanças* (2ª ed.), Luanda, Mayamba Editora.
- (2015), *Silêncio na Aldeia*, Luanda, Mayamba Editora.
- Garcia Galindo, J. A., & Cuartero, A. (2016), “La crónica en el periodismo narrativo en español”. *Revista Famecos. Mídia, Cultura e Tecnologia*, 23. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2016.s.24926>
- Igoe, Jim (2006), “Becoming indigenous peoples: difference, inequality and the globalization of East African identity politics”, *African Affairs*, 105(420), pp. 399-420. doi:10.1093/afraf/adi127
- Kirk, William (1963), “Problems of Geography”. *Geography*, 48(4), pp. 357-371. Obtido de [https://www.jstor.org/stable/40565711?read-now=1&refreqid=excelsior%3A706c191ce42b3be129e28af53ebc737d&seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/40565711?read-now=1&refreqid=excelsior%3A706c191ce42b3be129e28af53ebc737d&seq=1#page_scan_tab_contents)
- Lasswell, Harold D. (1938), *Propaganda Techniques in the World War*, New York, Peter Smith.
- Mateus, V. (s/d), *Luís Fernando a favor da leitura de autores angolanos nas escolas*. Obtido em 27 de janeiro de 2021, de União dos Escritores Angolanos: <https://www.ueangola.com/entrevistas/item/1375-luis-fernando-a-favor-da-leitura-de-autores-angolanos-nas-escolas>
- McCombs, Maxwell E. , Shaw, Donald L. , Weaver David H. (2014), “New Directions in Agenda-Setting Theory and Research”. *Mass Communication and Society*, 17(6), pp. 781-802. <https://doi.org/10.1080/15205436.2014.964871>
- Moritz, M. (2010), “Getting it straight: gay news narratives and changing cultural values”, in A. Stuart, *The Routledge Companion to News and Journalism*. Routledge, pp. 320-330.
- Neto, Maria Conceição (2017), “De Escravos a 'Serviçais', de 'Serviçais' a 'Contratados': Omissões, percepções e equívocos na história do trabalho africano na Angola colonial”, *Cadernos de Estudos Africanos*, 33, pp. 107-129. Obtido de <http://www.scielo.mec.pt/pdf/cea/n33/n33a06.pdf>
- Njoh, Ambe A. (2009), “Urban planning as a tool of power and social control in colonial Africa”, *Planning Perspectives*, 24(3), pp. 301-317. doi:<https://doi.org/10.1080/02665430902933960>
- Rubery, M. (2010), “Victorian Print Culture, Journalism and the Novel”, *Literature Compass*, 7, pp. 290-300. doi:10.1111/j.1741-4113.2009.00691.x
- s/a. (s/d). *Bio-Quem Luís Fernando*. Obtido de União dos Escritores Angolanos: <https://www.ueangola.com/bio-quem/item/847-lu%C3%ADs-fernando>

- Sims, N. (2009), "The Problem and the Promise of Literary Journalism Studies", *Literary Journalism Studies*, 1, pp. 7-16. Obtido de <https://s35767.pcdn.co/wp-content/uploads/2009/05/7-16-sims.pdf>
- Souza, Christian, Pereira, Fábio (2017), "Geografia: relações científicas e análise de métodos". *Revista Cerrados*, 15(2), pp. 1-17. <https://doi.org/10.22238/rc24482692v15n22017p347a367>
- Trindade, Alice (2020), "Memory and Trajectory: Crónica in the Portuguese-speaking World", *Literary Journalism Studies*, 12(1), pp. 14-40.
- Wellek, R., & Warren, A. (2003), *Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários*, trad. L. C. Borges, São Paulo, Martins Fontes.
- Winterowd, W. Ross (1990), *The Rhetoric of the "Other" Literature*, Carbondale, Southern Illinois University Press.
- Wolfe, Tom (1973), *The New Journalism*, New York, Harper & Row.